

transbordar de alegria nessas horas que o homem resvala sobre ellas sem o fatigante peso do tempo.

Oh! praza aos céos que a civilização não vá corromper esses costumes.

Que a locomotiva conduza as luzes da sciencia e das artes; que transforme a rigeza desses bosques em deliciosos parques, em formosas e lindas habitações, mas que nos não leve com ella o cortejo de vícios e cuidados que moram nas grandes terras.

Praza a Deus que esse povo seja civilizado como o europeu; mas praza a Deus também que em singeleza de costumes, em sinceridade de sentimentos elle nunca deixe de ser mineiro!

Rio, 5 de Novembro de 1861.

C. DE MAGALHÃES.

(A ACTUALIDADE.)

## Thereza

HISTORIA DE HONTEN.

XXVIII

*Thereza a senhora de C...*

« Valfors, Maio.

« Eu soffro, minha irmã, eu soffro cruelmente. Tenho necessidade de confiar minhas dôres á uma alma que me comprehenda, e eu vos escrevo. Uma vez me repellistes cruelmente; fostes até sem piedade. Eu não tenho porém o direito de me queixar. Sou culpada e não tenho mais do que curvar a cabeça. Entretanto minha expiação é tal que se lhe conhecesseis as torturas vos compadeceríeis de mim. Escutai-me pois, eu vo-lo peço, e não vos armeis de rigor sem que primeiro me tenhaes ouvido.

« Minha vida, de alguns mezes para cá, só tem sido um longo supplicio. Tenho sido punida tanto n'alma como no corpo: em minha alma pelas humilhações de que tenho sido victima, pela brutalidade dos golpes que me tem ferido, pelo abandono e pela morte daquelle que eu amava; em meu corpo, pela alteração desta belleza de que eu era orgulhosa e pela violencia da doença que me tem despedaçado.

« Eu não sou hoje muito facil de ser conhecida, e crêde-o bem, eu tenho direito á piedade de todos os que mais severamente tem julgado o meu modo de proceder desregrado.

« Vivo solitaria e desamparada em um triste paiz, cercada de pessoas que me desprezam, privada de uma alma que me seja devotada, e entretanto não me atrevo á deixa-lo, com o receio de que em outra parte passe por uma expiação mais rude ainda e que eu não saberia supportar.

« O que augmenta a grandeza do meu mal e lhe enche a medida — é o desdenhoso isolamento em que minha familia me deixa, principiando por vós que sois a primeira, minha irmã.

« Quão doce me seria receber algumas linhas que palpitasse de emoção e que me provassem que, mesmo de longe, alguém participa de meus males! Como me seria consolador vêr-vos, á vós que me tendes amado e a quem eu ameí, ainda perto de mim, para me ajudar um pouco a franquear as horas malditas que eu atravesso! Ah! eu sou criminosa, é verdade, mas meu arrependimento é sincero. Deus mesmo se commove ás queixas dos criminosos que se arrependem: sereis

mais severa que elle? Depois de o terdes imitado em sua colera, não o imitareis em sua clemencia? Oh! piedade! piedade! enviai-me este perdão que eu peço a todos meus parentes, porque este perdão é o repouso, é a vida, ou pelo menos a morte calma e doce.

THEREZA.

Esta carta ficou sem resposta. Thereza escreveu de novo. Nada, e as queixas de seu coração perderam-se na indifferença ou no desprezo. Então, desesperada, despedaçada, aniquilada, louca enfim, ella tudo esqueceu, seus deveres já esquecidos e de que ella ia ainda esquecer-se, suas resoluções primitivas, seus males que se não adiviavam, seu mesmo castigo, e resolveu refugiar-se nos unicos braços que ainda deveriam estar abertos para ella.

Vital a amava sempre. Thereza lembrou-se destas palavras que elle uma vez lhe havia dicto: « Se fosses livre, de ha muito que eu vos teria dado o meu nome. »

Era livre e lh'as ia recordar. O' tristeza! ó demencia! Thereza partio.

Anjos tutelares a quem Deus confiou a guarda das almas aqui neste mundo, onde estaveis pois neste fatal instante? Porque não soccorresteis esta desgraçada?

Porque não lhe tendes inspirado algum destes grandes sacrificios que apagam as faltas de uma vida inteira e arrancam ao mundo uma La Vallière para lança-la no claustro ferida e maguada?

Dous dias depois que Thereza deixou Valfors, a Sr.<sup>a</sup> de C... chegou. Tocada pelo arrependimento de sua cunhada, vinha, com a alma cheia de clemencia, trazer-lhe algumas consolações. Porém já vinha tarde.

XXIX

Um mez se havia passado desde o dia em que Thereza tinha dicto adeus á seu amante para ir reunir-se á seu marido que ella não devia mais tornar a vêr. Quantos acontecimentos haviam marcado esta separação! Vital ignorava-os. Apenas sua amante partio, elle entou o canto da liberdade. Ia daquelle data em diante ser livre. Seu coração recuperava a mocidade e a vida. O ar que então respirava lhe parecia mais doce, e o pão que não partilhava mais com pessoa alguma lhe parecia menos amargo.

Quando uma indifferença em amor como a de Vital, susceptivel de tornar-se em odio, acha-se no fim de uma longa affeição, a hora primeira de liberdade é cheia de doçura. A cadela que por muito tempo vos tem preso á uma mulher pela qual vossa affeição parece morta, é despedaçada. O coração exclama: Livre! livre! tão embriagado como os marinheiros de Christovão Colombo, no dia em que foi adivinhada terra por elles nas brumas que a occultavam á seus olhos, além das ondas que por tanto tempo os haviam separado della.

« Sim, livre! Daquelle hora em diante nem mais prantos, nem temores, nem ciúmes. Eu era cansado desta eterna existencia em que dous seres, ligados a principio juntos por sua propria vontade, sentem que em seguida se esvaecem pouco a pouco as sympathias que as reuniam e se despedaçam os laços que os uniam um ao outro.

« Esta mulher, de mais idade que eu, sempre temerosa e tremula, lançando-me em rosto, nas mais doces horas de nosso amor, o nome de seu marido, em verdade não era o que mais me faltava. Eu pergunto á mim mesmo

— como eu a pude amar tres mezes. Tinha porventura encontrado nella a realisação do ideal que por muito tempo eu acaricieí? Não! O que eu sonho, o que desejo, é uma senhora, rica de mocidade e de candura a quem eu possa dar meu nome e minha mão.

« Eu não quero dizer com isto — que não tenho amado Thereza. Quando a encontrei, era inexperiente; encontrei em meu caminho, na entrada da vida, sem procurar, um coração, sentidos. Meu coração e meus sentidos também corresponderam.

« Porém devia eu dar á esta ligação minha existencia, meu futuro, as mais bellas horas de minha mocidade? Não, na verdade, eu não podia mais viver. Rompi, fiz o meu dever. Tenho obrado com lealdade. »

Estas poucas linhas, extrahidas de uma carta que Vital escrevia á um de seus amigos, provam até que ponto elle foi injusto. Mas este estado durou pouco, e, no fim de alguns dias, começou a se operar n'elle uma transformação de que seria difficil analysar todas as phases. Com a solidão, chegou-lhe o tédio, e com o tédio os pesares. Sim, elle lamentou-a, chorou-a, á esta mulher de quem tão depressa se havia desgostado, chorou-a e foi procurar os traços de seus passos nos caminhos por onde ella havia passado.

E' o segredo do amor. Quer este desapareça ou volte de novo, conhece suas causas e nós somente podemos lhe conhecer os effeitos.

Vital errava em sua casa vazia; procurava Thereza, e esta revolta de todo seu ser contra elle mesmo, era o castigo de sua indifferença e de sua crueldade.

E enquanto que elle a pedia aos echos que não respondiam mais, enquanto que procurava uma doce lembrança nos lugares que havia habitado, Thereza corria para elle, acabrunhada de dôr e chela de desejos, como Helena se acaso tivesse encontrado Paris depois da morte de Merelão.

(Continúa.)

ERNEST DAUDET.

(Trad. de N. DE BITENCOURT.)

## As Bruxas.

CRENÇAS POPULARES.

(Por L. N. F. Varella.)

As bruxas são mulheres velhas que, invencíveis dos encantos e venturas da mocidade, pactuam com o diabo, e recebem d'elle um poder infernal.

O aspecto destas tartareas creaturas é estranho e sinistro; sua vida occulta e mysteriosa; suas palavras e acções cunhadas do torvo character de uma sombria monomania. Na Allemanha e na Escossia ellas andam nuas, cavalgam compridos cabos de vassoura, e desprendem funereas monodias ao ermo e aos vendavaes. Foi assim que Fausto e Mephistopheles as encontraram, a subir a montanha, na medonha noite dos Walpurgis; que Shakspeare as pintou na desvaivada tragedia do Macbeth: que Hoffmann as apresentou, á deshoras entre a chuva e a tempestade, aos lacrimosos olhos da triste amante de Anselmo o louco, no conto doentio que denominou o — *Vaso de ouro*; é assim que Walter-Scott o côxo, as faz apparecer em seus bellos romances. Na França, porém, segunda as tradições collegidas por Emilio Souvestre no — *Foyer*



Breton — e Paulo Feval em suas lendas, ellas contentam-se com enfeiticar os rapazes e raparigas, em noites alvas de lua, lavar o sudario dos finados nas aguas do rio, ou ir dançar ao Sabbath, o baile infernal, alumado pelo clarão sinistro das phosphorescencias, e tendo por orchestra — o bramido das torrentes — o ronco da trovada — e os silvos da ventania.

Entretanto em nossas tradições filhas quasi todas das gélidas superstições do Minho e da Estremadura, as bruxas não são revestidas desse caracter de sublimes horrores, que as faz tão temidas nas campinas da Bretanha, nas montanhas da Escocia, ou nas plapicies d'Allemanha.

Os nossos rusticos que habitam as margens dos rios, contam que á noite ellas rolam pela correnteza, sentadas em alguidares e coroadas de flores; os montanhesez, — que pulam em haudos pelos solitarios fragedos, entro mornas cantilenas os marinheiros e pescadores emfim — que transformam-se em bellas moças, apossam-se dos navios, erguem as ancoras, e vão por ahi afóra seduzir os rapazes, e entregar-se em horrenda lubricidade, aos braços delles — encendidos de um amor vertiginoso e funesto.

Eis uma das lendas mais conhecidas:

Em um dos nossos portos estava fundeado um navio, pertencente a um dos mais ricos mercadores que negociavam para a Asia.

Era uma bella noite de lua; o capitão e a maior parte da gente estavam em terra, de maneira que não havia a bordo senão cinco ou seis marinheiros; esses mesmos tinham se já recolhido ao porão, porque o porto era seguro, a noite bella e serena e as horas bastante adiantadas.

Decorridos alguns momentos depois que se retiraram um barulho estranho e singular fez-se ouvir no convéz.

— Pedro, vai lá em cima vêr o que é isso; disse um dos marujos a um companheiro.

Pedro subiu, e chegando á escutilha, viu uma multidão de mulheres velhas e medonhas, que entravam, umas atraz das outras, pulando e saltando, a cavallo em cabos de vassoura.

O marinheiro chegou a borda do navio e olhou para o mar, porém ahi não havia nem bote, nem lancha, nem cousa alguma; as velhas tinham voado ou caminhado a pé sobre as aguas!

Então ella olhou para aquella turba invasora, de sinistrae personagens; ella estava toda reunida na prôa, e erguia a ancora com pasmosa rapidez.

— Olá! gritou o destemido homem do mar; dêem-se disso; façam o que quizer, menos entrar na embarcação.

Porém o ferro estava já levantado, e o navio sahia pela barra a fóra.

Pedro correu, poz a cabeça na portinhola que dava para o porão, e gritou para o fundo:

— Guilherme!... Theodoro!... Jaques!... Gabriel!... venham depressa cá em cima, aviem-se.

Em um minuto surgiram da escura portinhola as figuras somnolentas e alcatroadas de quatro robustos lobos do mar; mas como viam o navio a correr, a correr sem descanso, recuaram bradando:

— Mil tempestades!... o que é isto Pedro?

O marinheiro é um typo stoico por natureza, nada ha que os afflija, como também nada ha que os amedronte; Pedro alçou por isso os hombros, e disse cynicamente:

— Não sei.

— Come não sabes?... replicaram-lhe os camaradas; mas o diabo está na embarcação!

— não vês que ella vai por ahi a correr como

uma douda, e a barra já lá fica por traz, e a terra se perde de vista?

— Pois não sei, homens, respondeu Pedro, vão perguntar aquellas senhoras, e designou as velhas.

Os marinheiros correram pára a prôa e viram, em vez das megéras que Pedro encher-gara, um bando de moças brancas como a neve e coroadas de rosas. Ficaram todos pasmos, e puzeram-se a rodea-las; mas ellas riram-se sarcasticamente, e diziam palavras extranhas que não eram comprehendidas pelos rudes filhos do mar.

Entretanto o navio não perdia tempo; — corria, e na desabrida carreira, como o lugu-bre ca-alheiro de Burger, deixava atraz de si a terra, as ilhas, as arvores e as nuvens, como um bando de aves fugitivas. A cada porção de espaço que rompia — o ar tornava-se mais azul e carregado, as estrellas maiores e mais vividas. No zimbório immenso do firmamento a lua se equilibrava como uma lampada de prata inundada de nardo, na cupula dos templos orientaes. As ondas erguiam-se como Leviathans, em cujo dorso escamoso brincavam os raios de uma luz phosphorescente, e a embarcação desenhava-se rapida e fugace nas aguas, como a sombra do corsel de Giaour nas plantas do hervaçal.

Depois de haver assim voado o navio por algum tempo, parou finalmente junto de umas costas alvas e extensas, coradas de uma vegetação phantastica e titanea. As feliceiras pularam logo ao mar, e começaram a correr para a terra com tal desembaraço como se pizassem uma campina firme e segura. Os *mar-souins* ficaram extaticos e perplexos alguns minutos, porém, como — marinheiro é capaz de desembestar até o quinto inferno, e pales-trar com o proprio Satan; soltaram os escaleres e remaram para a praia.

Chegando, sentiram uma como harmonia agreste e selvagem, misturada de gritos agudos e desconcertados, que vinha de longe nas azas de uma aura tepida e suave ferir-lhes o ouvido. Caminharam para o lugar donde partia o ruido; á medida porém que se adiantavam um perfume voluptuoso e sensual, desconhecido embora, vinha-lhes amenisar os sentidos; uns arvoredos enormes, gigantes-cos, cujos fastigios pareciam espanejar as nuvens, levantavam-se diante delles, mudos, silenciosos como os phantasmas de Anna Rad-cliff, como os espectros de Achim d'Arnim.

Pouco a pouco o ruido tornava-se mais pronunciado, e um clarão immenso e avermelhado começa a reflectir, bruxuleando bizarramente nas folhagens das arvores. Os nossos homens adiantaram-se mais, e deram então de rosto com um edificio amplo e colossal, todo de marmore preto, coberto de torreões, sacadas douradas, cornijas e arabescos phantasticos. Pelas infinitas fileiras de janellinhas, ou antes setteiras, se pendurava uma multidão de lampeões multicores, e sahia em turbilhões o fumo do incenso e do alvos; uma orchestra desconhecida, expandia seus echos rudes e selvagens, que se iam morrer pela solidão e pela noite.

Fóra do edificio, sobre um vasto terreiro ardia uma enorme fogueira, em torno da qual, homens e mulheres de olhos negros e scintilantes, face redonda e bronzada, dan-savam ao som de instrumentos estranhos, e reflectiam ao clarão da fogueira suas figuras extravagantes na fachada de marmore polido do palacio, e faziam tremular pelo ar as compridas abas de suas vestimentas vermelhas e amarellas. Havia também moças bellas, embora excessivamente trigueiras, que debravam e vergavam o corpo molle e flexivelmente, no gesticular languido e voluptuoso de uma dan-

sa desconhecida; suas grinaldas e cinturões eram ornados de pequenos luzeiros pallidamente azulados. Uma ala de homens feios e carrancudos cercava esta exotica companhia e completava o quadro.

Os marinheiros estavam pasmos e estupefactos, e olhavam uns para os outros murmurando:

— E' a terra das feliceiras! queira Deus que não nos custe caro.

Longo tempo tinha passado que elles espreitavam por detraz de umas balsas, quando souo no palacio uma fanfarra confusa e estrepitosa, e um bando de mulheres sahio do vestibulo, e correu para o lado delles. Eram as estranhas passageiras; desta vez, porém, vinham adornadas de ouro e brilhantes, cobertas de sumptuosas vestimentas, e perfumadas de sandalo e baunilha.

Nas janellas do edificio surgiram as cabeças rudes e bronzeadas de alguns homens, que lhes faziam acenos; depois desapareceram, e ellas correram para as bandas do mar.

Os marinheiros voaram atraz dellas, colhendo entretanto na passagem, braçados de plantas que encontravam, para no outro dia saber por onde tinham andado.

Apenas entraram todos para o navio principiou elle de novo a correr com tal velocidade que pela volta da madrugada estavam outra vez no porto. As moças transformaram-se logo em hediondas velhas, sem com tudo perder as riquezas que lhes tinham dado sem duvida seus mysteriosos amantes, e cavalgando o classico cabo de assoura lançaram-se ao mar e desapareceram.

Quando ao meio dia chegou o capitão, os marinheiros contaram o occorrido, e como prova mostraram as plantas que tinham apanhado. O commandante tomou-as e poz-se a examina-las com attenção misturada de pasmo inexprimivel, depois entregando-as disse:

— Sabeis vós outros onde estivestes esta noite?

— Não, meu capitão, responderam os marujos.

— Pois estivestes na India.

— Na India!... na India!... gritaram os marujos, estupidos de espanto.

— Sim, na India, murmurou o commandante. Estas plantas que me mostrastes acabam de provar-me; vêde, e tomando as plantas proseguiu designando-as.

« Esta é a canella, filha legitima da Asia; est'outra o cravo, esta a baunilha, e finalmente esta, cujo nome não me recordo agora, é um excellente remedio que não cresce em nenhuma outra parte do mundo a não ser ali. A descripção que me fizestes desses homens morenos e trajados de extranhas roupagens, não faz senão confirmar o que digo. Aquelle edificio de marmore é um palacio de principe, aquellas moças de grinaldas e cinturões brilhantes são as virgens indianas que cosem os vagalumes e luciolas a suas vestimentas; aquelles homens armados são os guardas e soldados do principe. Não ha duvida, por artimanhas do diabo em menos de uma noite fostes á India e voltastes!

— Bemdito seja Deus! disseram os marinheiros, lançando no chão seus bonets de oleado; bemdito seja Deus, que nenhum mal nos succedeu:

(CORREIO PAULISTANO.)